

CONCEITO DE PARTIDO POLÍTICO MODERNO

Marcelo Caetano de Cernev Rosa

Prof. do Departamento de Ciências Sociais, UEL

resumo

Este artigo discute o conceito de Partido Político moderno a partir de uma reflexão sobre a obra de Umberto Cerroni, "Teoria do Partido Político", procurando caracterizar a viabilidade de um caminho "alternativo" para a constituição de um partido político transformador que não recorra à força ou ao caminho armado para a implantação de seus objetivos políticos.

Palavras-chave: Partido Político; Socialismo; Umberto Cerroni

Neste trabalho Umberto Cerroni, cientista político gramsciano, procura estudar o que seria um partido moderno, partindo do estudo do partido socialista. Procura também demonstrar a viabilidade de um novo caminho, de um caminho, "alternativo", através do qual o partido moderno poderá vir a transformar a sociedade, sem que para isto tenha que, necessariamente, se utilizar da força ou das "vias armadas".

Cerroni tem como ponto de partida o partido socialista porque acredita que devido à sua origem histórica, ele possui características peculiares que o diferem dos demais partidos políticos. Segundo ele, o partido socialista se difere dos demais por possuir uma máquina organizativa articulada a um programa político bem definido, e porque ao contrário de seus antecessores, ele não surge somente de uma associação de homens que possuem idéias comuns, mas tendo uma formação caracteristicamente revolucionária, ele é criado justamente para lutar por transformações na sociedade onde está inserido. Desta forma ele não se limita à participação parlamentar, pois muitas vezes, dadas as condições sócio-políticas locais, ele surge mesmo como uma organização clandestina,

ficando assim, alheio à representação parlamentar, mas lutando por sua efetivação.

Cerroni descreve a existência de três fases de desenvolvimento organizativo no movimento operário:

- **Fase Pré-Política** - Seria a primeira fase de desenvolvimento, e se caracterizaria pelo reconhecimento, por parte do proletariado, da necessidade de se unir para a defesa de seus interesses mais imediatos, o que demonstraria o seu caráter corporativo.
- **Fase Política Intra-Uterina** - Nesta, os interesses a serem defendidos não mais se restringiriam ao aspecto econômico, como na fase anterior. Já seria uma fase realmente política, porém, pouco amadurecida, porque o seu programa político seria ainda, um tanto quanto "imaturo". Nesta fase, apesar de contestar o Estado pela sua pseudo-universalidade, o partido ainda não teria se tornado o seu real antagonista na direção do conjunto da sociedade.
- **Fase Política Extra-Uterina** - Nesta fase, a classe operária estaria em condições de exprimir sua capacidade de direção

hegemônica em relação ao conjunto da sociedade.

Desta forma, segundo o autor, o partido político atinge o seu ápice de desenvolvimento, quando deixa de ser apenas uma parte em contraposição ao Estado e passa a se constituir num “Estado” *in fieri*, ou seja, quando ele passa a dirigir a sociedade sem precisar dispor da força monopolizadora do Estado, não através do uso da força ou da coação, mas do consenso.

Esta sua conclusão segue o raciocínio de Gramsci, pois segundo este, a política possui uma natureza ambígua, podendo ser representada pela figura de um centauro, que seria composto pela junção da “inteligência da raposa” à “força do leão”. Uma espécie de mescla entre força e consenso, que por estar num constante movimento dialético no interior da sociedade, possibilitaria a efetivação de uma profunda transformação sócio-política, realizada, através da conquista da hegemonia.

Cerroni procura ressaltar que desde suas primeiras fases de desenvolvimento, o partido socialista já visa lutar contra o individualismo, o atomismo e a fragmentação existentes na sociedade, os quais são sustentados pelo Estado Liberal Burguês.

Segundo ele, numa sociedade onde a esfera política procura garantir o livre dinamismo da esfera privada, o proletariado moderno, se sentindo menos seguro e mais fraco, enquanto sujeito individual, busca garantir através do associacionismo, a superação do tipo de “liberdade” existente nesta sociedade, por um outro tipo de liberdade. À liberdade individualista existente, ele procura contrapor a liberdade social, ou seja, ele luta pela implementação de uma liberdade real, e não apenas formal.

Cerroni nos adverte para o fato de que se a luta política não chegar a este nível, ela negará a si mesma, ou seja, ela negará a sua verdadeira função, ficando reduzida a apenas uma luta por fins econômicos, tendo um caráter corporativo, quando na verdade, ela deve se muito mais que isso.

Uma vez que em sua concepção, a política se consubstancia numa mediação entre idéias e interesses, além de lutar por fins econômicos, o partido moderno deve lutar pela reestruturação geral do Estado e de toda a sociedade, deve deixar de agir apenas como uma parte política, e passar a agir como um todo.

Mas, segundo ele, esta tarefa só poderá ser realizada, se houver uma “mediação subjetiva” entre a economia e a política, a qual se daria através da elaboração de uma concepção de mundo, “da preparação cultural, da inteligência, e do conhecimento das circunstâncias específicas do ambiente histórico”.

Em outras palavras, podemos dizer que segundo o autor, um partido político moderno só poderá chegar a esta última fase de desenvolvimento, quando puder relacionar a política à cultura, de tal forma que possibilite uma visão dos fatos, uma concepção de mundo, que dê conta da compreensão do processo histórico do qual o partido faz parte, e também das especificidades sócio-políticas deste processo histórico.

Entretanto, segundo Cerroni, devido à extrema complexidade da relação entre política e cultura se o partido procurar direcioná-la ele poderá acabar trazendo consequências desastrosas a si mesmo. Por exemplo, se esta relação se der de uma maneira muito “frouxa”, ela poderá fazer com que o partido político se torne um partido do tipo “pega-tudo”, ou seja, um partido que por falta de traços teóricos e ideológicos definidos, acabe tendo um caráter ideologicamente “amórfico”, ou mesmo um partido do tipo corporativista. Por outro lado, se houver uma grande rigidez ideológica, ele poderá se transformar numa espécie de “partido-seita”, tendo um forte caráter dogmático.

Segundo Cerroni, a existência de uma compacidade entre a política e a cultura é um mito, conforme o próprio pensamento gramsciano, e desta forma, o partido moderno não deve buscá-la, mas sim oferecer um espaço autônomo a ambas, o que ele denomina como uma “autonomia elaborada”.

Porém, como ele mesmo destaca, não há possibilidade de se operar politicamente num vazio, num vácuo cultural e científico, de tal forma que se faz necessário a existência das ideologias, mas ele nos adverte para a necessidade de que o partido seja cauteloso quanto à busca de uma certa organicidade entre política e cultura, para evitar um certo “dirigismo”.

Assim, segundo seu raciocínio, deve existir um vínculo entre a política e a concepção de mundo, que ao mesmo tempo em que possibilite a compreensão da própria historicidade do processo político, possibilite à política, a sua maleabilidade e à cultura, a sua cientificidade.

Cerroni também demonstra a existência de uma série de vícios, ou “patologias” que podem acometer a todos os partidos políticos, inclusive ao próprio partido socialista, e que seriam provenientes do tipo de relação estabelecida pelo partido, entre os “dirigentes” e os “dirigidos”, ou entre “quadros” e “massas”. Ele procura ressaltar que existe uma forte tendência, de que os quadros estejam separados da massa, no interior do partido, e que isto não deixa de ser um dos reflexos da cisão existente na própria sociedade, entre os dirigentes e os dirigidos.

Como principais patologias às quais os partidos estariam sujeitos, Cerroni aponta: o autarquismo político, o burocratismo, o hierarquismo e o “dogmatismo militarista” que denomina como “cadornismo”. Esses vícios podem ser resumidos em três tipos de comportamento que o partido pode estabelecer na relação entre quadros e massas. O partido pode:

- procurar “cortejar as massas”. Esse tipo de comportamento o leva a ter apenas um caráter clientelista, e pode dar origem aos chamados partidos “pega-tudo”.
- procurar “comandar as massas”. Nesse caso ele se apoiaria num extremo hierarquismo, adotando uma disciplina ferrenha e acabaria se tornando uma organização sectária e anti-política.
- partir do princípio segundo o qual, as massas “devem ser dirigidas”. Esse tipo de posicionamento demonstraria a existência de uma concepção negativista por parte do partido em relação à massa, segundo a qual, ela não estaria em condições de compreender, mas apenas de executar.

Todos esses posicionamentos dos partidos em relação à massa, atestariam o fato de que essas instituições não possuem uma visão adequada de seu papel na sociedade. Na concepção de Cerroni, um partido político não deve seguir modelos pré-determinados, mas deve ser construído como um partido específico de uma determinada história do Estado e da sociedade, de tal forma que haja uma adequação entre o seu programa, a sua máquina e a realidade efetiva na qual ele está inserido.

Segundo Cerroni, para se evitar os vícios acima mencionados, é necessário que o partido busque a superação da cisão existente entre quadros e massas; para esse fim, a máquina deve funcionar

como um “programa vivo”, ela deve ser as “pernas do programa”.

Na verdade, segundo o autor, para que possa haver uma real união organizada entre máquina e programa, o partido deve ser constituído por uma não-máquina” e por um “não-programa”. Isto quer dizer que a máquina não deve ser apenas um mecanismo, e que o programa não deve ser doutrinário, para que desta forma, possa existir um forte imbricamento entre ambos, e para que assim, o partido não seja apenas a soma desses dois elementos, mas uma verdadeira “operação política”.

Através da análise dos modelos de partido de Lênin, de Stalin e de Gramsci, Cerroni conclui que ser um partido de massas ou de quadros, não é uma opção que pode ser feita a priori, mas que deve seguir ao resultado de uma complexa análise histórica, de uma realidade sócio-política específica, para que assim, ele não incorra em erros graves, tal como aconteceu com o partido de Stalin, por exemplo, que devido a um forte dogmatismo, adotou uma linha política inadequada.

Um ponto fundamental, segundo o autor, para que o partido possa ser dirigente e possa transformar a sociedade, diz respeito à necessidade de que ele tenha um alto grau de conhecimento da realidade. Um conhecimento operativo e funcional, mas que não se reduza a um saber especializado. Em suas palavras: “Se é verdade que se deve conhecer para organizar, também é verdade que se deve organizar para conhecer, porque exatamente o crescimento do contato com os homens permite a nível político, filtrar informações e saber no interior do partido político. Cultura e democracia política tornam-se dois elementos que entram em estreita conjugação na vida do partido político moderno...”(p. 50)

Entretanto, apesar da cultura popular ser um elemento importante neste processo, Cerroni nos adverte para a necessidade de que ela seja transformada. O partido moderno deveria então, procurar “reconstituir ao nível da consciência, a integração objetiva da vida: sintetizar o real, mediando todas as articulações e especificidades”. Ele deve ser formado por quadros que busquem transformar as massas em quadros, e por uma massa que queira se equiparar intelectual e politicamente, ao nível dos quadros.

Caberia então ao partido socialista moderno, tornar-se o real intermediário histórico da auto-direção universal da sociedade. Mas esta tarefa só

seria possível através da socialização da vida e da promoção de uma unificação geral dos homens. O que implicaria na necessidade de socializar não somente os meios de produção, mas também o poder.

Através de uma análise da política dos Estados Unidos da América e da (ex) União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o autor chega à conclusão de que estes países se constituem em dois exemplos bastante claros da necessidade da existência desta dupla socialização.

Segundo Cerroni, no caso dos EUA, a democracia política não tem sido capaz de submeter a si o capital, justamente pela inexistência de uma socialização da economia. Desta forma, o que acaba acontecendo é a situação inversa, ou seja, a democracia política fica submetida efetivamente, ao poder do capital. "... quando a democracia política não consegue fundar-se sobre uma democracia social, ... a vida pública permanece dominada pela vida privada." (p.60)

Por outro lado, o exemplo soviético atestaria o fato de que não basta socializar os meios de produção, sem que haja uma integração dinâmica entre a democracia política e a democracia social. O que por sua vez implicaria na necessidade da manutenção das liberdades políticas modernas, pois caso contrário certamente se estaria possibilitando a implementação de um Estado autoritário e centralizador, ou seja, correríamos o risco de efetuarmos uma espécie de "regressão" a uma das formas políticas mais arcaicas já existentes.

Segundo o seu raciocínio, se por um lado, as liberdades políticas próprias dos países capitalistas não bastam, por si só, para possibilitar esta unificação geral dos homens, por outro, a existência de um socialismo desprovido de uma democracia política, certamente também não bastaria para esse fim.

Cabe aqui ressaltar que a "defesa" dos direitos democráticos por parte do autor, não significa que ele ignore as deficiências do sistema democrático representativo e as suas limitações, ou que ele seja um "neoliberal". Muito pelo contrário, Cerroni demonstra ter plena consciência de que esses direitos políticos são caracteristicamente direitos formais. Desta forma, ele defende a sua permanência, como uma estratégia política que teria como principal finalidade, a prevenção dos riscos de se instaurar um Estado autoritário. Mesmo porque, ele crê na possibilidade de que a sociedade

caminhe no sentido de alcançar a superação do próprio Estado, numa fase onde ela passaria a ser auto-dirigida. O que de fato não seria possível com a existência de um Estado autoritário, pois então como ele se "definharia"?

Segundo Cerroni, a democracia representativa, como sistema político, possui um caráter muito perverso. Isto porque ao invés de pôr em prática os fins a que se propõe, acaba sendo utilizada por determinados grupos, como elemento legitimador da ordem político-social vigente. Desta forma, segundo Cerroni, ocorre uma inversão na política, que acarreta várias consequências, dentre elas, a própria descaracterização dos partidos políticos, que se afastando de um programa fundamentado sobre as reais necessidades populares, passam a se constituir somente em instrumentos de mediação de forças políticas, que operam tendo em vista atender somente aos interesses de determinadas classes sociais. Em suas palavras: "... a vontade popular não é mais o ponto de partida do processo político, mas ... apenas um ponto de passagem, ao qual se acrescentam outros substancialmente 'autônomos'" (p. 66).

Os partidos passam a ser instituições que buscam somente o poder, deixando de ser "dirigidos" por programas políticos, construídos de acordo com as necessidades sociais, se tornam de fato, dirigidos por interesses corporativistas e clientelistas.

Tendo em vista esta problemática, segundo Cerroni, o partido político moderno deve se propor a recuperar a participação política do povo - já tão enfraquecida pela apatia e pelo ceticismo em relação às novas propostas políticas, (uma das consequências das próprias "deformações" das práticas políticas atuais) - buscando superar a desagregação da sociedade.

Sinteticamente, podemos dizer que segundo o autor, a política tem seguido a um ciclo involutivo, no qual ao mesmo tempo em que a soberania popular é postulada a nível teórico, é negada a nível prático. Assim, caberia ao partido político moderno promover o rompimento deste ciclo, através de uma revolução, no sentido estrito do termo, realizada através da efetivação da participação popular nos processos decisórios, o que por sua vez possibilitaria a desestruturação piramidal do poder e a sua socialização.

Em outras palavras, caberia a ele, possibilitar a conquista do poder por parte da sociedade,

possibilitando também a implementação de uma nova ordem político-social, que se basearia não mais em uma democracia formal, mas numa democracia real.

Ao procurar desenvolver um caminho para uma construção democrática a partir da via institucional e destacar as patologias próprias aos partidos políticos, Cerroni nos possibilita refletir

não somente sobre os caminhos mas também sobre os descaminhos desta construção democrática.

Em suma, trata-se de um trabalho de grande importância, à medida em que nos proporciona um modelo teórico de análise, através do qual podemos refletir, juntamente com dados empíricos, sobre as deficiências estruturais existentes em realidades sociais específicas, para o desenvolvimento da democracia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CERRONI, Umberto. **Teoria do Partido Político**, São Paulo, LECH, 1982.